

Representações de homens e mulheres sobre a escolha do curso de pedagogia em uma universidade pública do Sul de Minas

Representations of men and women on the choice of the pedagogy course at a public university in the South of Minas Gerais

Tatiane Patrícia Resende¹, Kleber Tuxen Carneiro², Fábio Pinto Gonçalves dos Reis³, Camila Beltrão Medina⁴

Como citar esse artigo. RESENDE, TP. CARNEIRO, KT. REIS, FPG. MEDINA, CB. Representações de homens e mulheres sobre a escolha do curso de pedagogia em uma universidade pública do Sul de Minas. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 16, n. 2, p. 23-36, mai./ago. 2025.



Resumo

Trata-se de um artigo cujo fito central perscrutou as representações de alunas/os do curso de Pedagogia pertencente a uma universidade pública do Sul de Minas Gerais, quanto aos motivos pelos quais optaram por tal graduação e como observam a inserção dos homens no processo de formação profissional docente. Retrata uma pesquisa de natureza qualitativa na qual contou com a participação de 14 graduandas/os no processo de entrevistas-narrativas, ao passo que entrecruzamos tais relatos, informações e documentos referentes ao curso, a fim de colocar em perspectiva os dados produzidos. No processo de análise, constatamos que o grupo investigado acompanha a tendência de haver pouca adesão de pessoas do gênero masculino em cursos de Pedagogia, ainda sim quando há, sofrem com preconceitos e discriminações relativas às fronteiras de gênero e feminização do magistério. A despeito de existirem idiosincrasias específicas observadas no espaço formativo investigado, identificamos ações de resistência que rechaçam e problematizam a manutenção de uma identidade docente enquanto reserva feminina e socialmente aceita.

Palavras-chave: Escolha da graduação; Pedagogia; Gênero.

Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Abstract

This is an article whose central aim examined the representations of female students of the Pedagogy course belonging to a public university in the South of Minas Gerais, as to the reasons why they opted for such a degree and how they observe the insertion of men in the process of professional teaching training. It portrays a qualitative research in which 14 undergraduate students participated in the narrative-interview process, while we intertwined such reports, information and documents relating to the course, in order to put the data produced into perspective. In the analysis process, we found that the group investigated follows the tendency for there to be little participation of male people in Pedagogy courses, even though when there is, they suffer from prejudice and discrimination related to gender boundaries and the feminization of teaching. Despite the existence of specific idiosyncrasies observed in the training space investigated, we identified actions of resistance that reject and problematize the maintenance of a teaching identity as a feminine and socially accepted reserve.

Keywords: Choice of degree; Pedagogy; Gender.

Afiliação dos autores:

¹Mestra do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Lavras, Lavras, Minas Gerais, Brasil.

²Doutor em Educação Escolar. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Lavras, Lavras, Minas Gerais, Brasil.

³Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Lavras, Lavras, Minas Gerais, Brasil.

⁴Doutora em Educação. Coordenadora do curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, São Paulo, Brasil.

E-mail de correspondência: fabioreis@ufla.br

Recebido em: 19/03/2025. Aceito em: 03/07/2025.

Introdução

O artigo em tela retrata uma investigação científica cujo fito central objetivou identificar as representações de alunas/os¹ do curso de Pedagogia pertencentes a uma universidade pública do Sul de Minas Gerais, em relação aos motivos pelos quais optaram por tal graduação enquanto espaço/tempo formativo essencial à constituição da(s) identidade(s) docente(s) (Marcelo, 2009a). Para tanto, traçamos como objetivos específicos revelar as diferentes motivações de homens e mulheres para a escolha do curso de Pedagogia, ao mesmo tempo, refletir sobre a inserção dos homens no processo de formação profissional docente, tendo em vista os estudos de gênero.

Tal estudo se justifica a partir de Silva (2010), ao afirmar que as desigualdades de gênero se estendem à educação e ao currículo, pois no contexto da educação formal “certas matérias e disciplinas são consideradas naturalmente masculinas, enquanto outras são consideradas naturalmente femininas” (p. 92). A partir disso, nota-se, portanto, que há uma representação hegemônica na qual as mulheres são educadoras por natureza (Lira; Bernardim, 2015), criando um estereótipo de identidade docente e mitigando as potencialidades do processo formativo equânime. Com base nesse discurso, as desigualdades entre os gêneros se perpetuam e são reforçadas, o que pode ser percebido igualmente no espaço universitário, especialmente no caso da acanhada presença de mulheres nas Engenharias e da exígua escolha de homens pelo curso de Pedagogia (Cunha, 2012; Demartini; Antunes, 1993).

As análises e discussões levantadas na investigação foram ancoradas em estudos de gênero, feministas, bem como, em abordagens pós-estruturalistas que permitiram o embasamento teórico necessário para desvelarmos a problemática na qual alguns cursos superiores tendem a escolher maciça por homens ou mulheres. Dentre outros/as autores/as que compuseram esse arsenal teórico, destacam-se Guacira Lopes Louro (1994, 1997, 2001, 2004), Joan Scott (1995), Marlucy Alves Paraíso (2004), Michel Foucault (1979, 1986, 2010), Tomaz Tadeu da Silva (1996, 2000, 2010) e Robert Connell (1995).

Cabe evidenciar as potencialidades do nosso estudo ao circunscrever um processo de formação docente considerando a etapa inicial e a própria escolha do curso caminhando juntas na direção de levar homens e mulheres a servirem-se de seus próprios desejos, conduzirem-se na multiplicidade, transgredirem, traçarem seu próprio caminhar, fazerem emergir todo o seu potencial, saberem se conduzir ética e politicamente por si próprias/os.

Metodologia

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa mediante a qual se articularam questões epistemológicas concernentes às desigualdades de gênero e o delineamento de um estudo de caso sobre o referido curso de graduação. Segundo Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998, p. 147), “as investigações qualitativas, por sua diversidade e flexibilidade, não admitem regras precisas, aplicáveis a uma ampla gama de casos”. Refere-se não apenas a descrição de uma dada situação, contexto ou apresentação de um material empírico, mas diz respeito a uma situação-problema prospectiva delimitada em virtude do mote proposto, de maneira que adjudique correlações e aproximações entre o objeto de estudo e os sujeitos que o compõem. Diante disso, documentos, informações, relações sociais, percepções e os significados atribuídos aos processos formativos de homens e mulheres devem ser considerados e perscrutados.

As pesquisas de natureza qualitativa podem assumir diferentes desenhos, a depender do objeto de investigação, sendo um deles o estudo de caso, delineamento eleito como viável à condução de nosso estudo, na medida em que faculta “focalizar um fenômeno particular, levando em conta seu contexto e suas múltiplas dimensões” (André, 2013, p. 97). Sob o olhar qualitativo o termo desenho “se refere à “abordagem” geral que iremos utilizar no processo da pesquisa” (Sampieri; Collado; Lucio, 2013, p. 497). O microquadro analítico investigado inscreve-se em uma situação específica, inserida em determinado

¹ Utilizamos a linguagem inclusiva em razão desse estudo envolver questões de gênero.

contexto e guarda relação com uma realidade cultural/social na qual se verifica uma tendência (historicamente situada) de haver pouca adesão de homens em cursos de Pedagogia.

De forma contextual, o curso de Pedagogia presencial da Universidade investigada entrou em funcionamento no dia 2 de março de 2015, logo, trata-se de um percurso de dez anos de consolidação. Sua instalação representa uma conquista, corolário de lutas, principalmente, das/os primeiros/as docentes que integraram à instituição e se conservam na mencionada unidade educativa até hoje.

A sua matriz curricular expõe um itinerário formativo diversificado, contando com disciplinas obrigatórias, outras voltadas especificamente à dimensão científica, além do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e uma ampla gama de eletivas. Com destaque à disciplina obrigatória intitulada de “Educação, Gênero e Sexualidades” e a eletiva denominada “Sexualidades e Infâncias”. Ambas fundamentais à ampliação da discussão a respeito da temática de gênero no âmbito do curso, a despeito da relevância dos demais componentes curriculares, justificamos tal ênfase em virtude de versar diretamente sobre o mote cuja pesquisa impetrou.

No transcorrer das ações investigativas, uma das primeiras iniciativas foi a submissão do Projeto de Pesquisa ao Comitê de Ética e Pesquisa, tendo sido aprovado sem pendências éticas de acordo com a Resolução 466/2012 CNS antes de erigirmos o material empírico desse estudo. Tão logo, valemo-nos de alguns recursos, quais sejam: entrevistas-narrativas (Andrade, 2012) na qualidade de instrumento de produção do material empírico; além disso, cotejamos informações em sítios eletrônicos da instituição de Ensino Superior. A conjugação dessas ações se tornou pertinente, na medida em que documentos correspondem a uma produção histórica e política cuja linguagem decorre e se constitui por meio de práticas sociais historicamente situadas (Fisher, 2001).

As entrevistas-narrativas contaram com o suporte de um roteiro semiestruturado. Indagamos acadêmicos/as do primeiro ao sexto período do curso de graduação em Pedagogia, modalidade presencial. O critério para participação da pesquisa residia em estar matriculado no aludido curso e a aquiescência da participação voluntária, manifesta por intermédio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Em linhas gerais, as turmas do curso em questão são constituídas por um número consideravelmente maior de matrículas de mulheres, por esse motivo, a produção dos dados foi direcionada a limitar as entrevistas a uma equidade do número de alunas e alunos interrogados.

Donde se fez um levantamento junto a todos/as os/as discentes matriculados/as quanto ao interesse e disponibilidade em participar do estudo, para então ocorrer o agendamento das entrevistas. O número da amostra consistiu em 14 acadêmicos/as, sendo sete homens e a outra metade de mulheres. Entre os homens encontramos um participante no primeiro período do curso com 19 anos, dois no segundo período com 24 e 27 anos, três no terceiro período com 27, 31 e 35 anos respectivamente e um no quarto período com 25 anos. Em relação às mulheres, houveram participantes do segundo ao sexto semestre, estando uma em cada período até o quinto, com idades correspondentes a 24, 21, 25 e 35 anos e três estudantes no sexto período, cujas idades variavam entre: 20, 21 e 54 anos.

É oportuno enaltecer a heterogeneidade do grupo de depoentes, tanto no que diz respeito à idade quanto à experiência ao longo do processo formativo, justamente alvitando perceber se, no decorrer do curso, determinadas representações sobre a escolha do curso e a inserção de homens na Pedagogia eram desconstruídas ou reforçadas. Não sem razão, tivemos o interesse em compreender os diversos pontos de vista, de maneira que as contradições e diferenças pudessem ser suscitadas.

É pertinente dilucidar que a entrevista-narrativa permitiu o intercâmbio entre entrevistadoras/es e as/os entrevistadas/os compondo o tecido do objeto de análise, por sua vez, abandonando os pressupostos de verdade, objetividade e neutralidade dos discursos (Andrade, 2012). Afinal no ato de relatar percursos, têm-se narrativas e discursos segundo os quais instauram saberes, produzem verdades e forjam/formam sujeitos, pois a linguagem está impregnada de subjetividades e é constituída por uma miríade de enunciados (Ficher, 2001). A opção por essa metodologia reside no objetivo de cotejar as relações entre as/os discentes e seus processos formativos, afora facultar compreender (ainda que

fragmentos e/ou vetores) a constituição da(s) identidade(s) docente(s) no contexto de formação inicial no qual estão imersas/os (Marcelo, 2009a).

As questões elaboradas para a realização das entrevistas foram resultado de um planejamento minucioso. Os roteiros foram distintos para mulheres e homens, de modo a demarcar o lugar social ocupado por cada informante, por extensão as representações enunciadas, no sentido de distinguir as diferentes representações das/os discentes acerca da escolha e presença dos homens no curso. Fez-se o agendamento das entrevistas individualmente, sendo algumas gravadas em áudio e vídeo e outras apenas em áudio, conforme a permissão de cada uma/um. Os relatos foram transcritos e textualizados, com o propósito de serem aprimorados e os detalhes preservados (André, 2013). A multiplicidade de vivências, o conjunto das relações estabelecidas e a singularidade de cada sujeito, decerto conferiu uma compreensão (melhor elaborada) do objeto prospectado.

Docência em construção no curso de pedagogia e a feminização do magistério

Nossa investigação insere-se no espaço/tempo da formação inicial, uma tessitura sobre a qual circulam saberes, inquietações, experiências e vivências. Trata-se de um momento precípuo à docência (em constante construção), no qual borbulham questões que reverberam, de alguma maneira, parte do processo de constituição da(s) identidade(s) docente(s). À vista disso, justifica-se empreender investigações científicas pelas quais se suscite trazer à tona expectativas e anseios de aspirantes à educadoras/es a respeito dos motivos pela escolha do curso de Pedagogia. Seja para fornecer indicadores ao campo da formação e da identidade docente, seja para nutrir políticas públicas por intermédio das quais se aprimore os processos de escolarização de homens e mulheres. De igual modo, Garcia, Hypolito e Vieira (2005) ratificam que o arcabouço constitutivo da identidade docente se inicia antes mesmo dos indivíduos adentrarem ao respectivo curso de graduação, quando ainda frequentam o contexto escolar na condição de aprendizes, ou seja, no momento da escolarização.

Uma característica notória do curso escolhido para o estudo de caso, refere-se à constatação da grande discrepância entre o número de discentes homens e mulheres, uma das variáveis que nos impeliram a empreender o estudo. No caso, a primeira turma ingressante no curso investigado constava um total de 50 alunas/os, das/os quais 42 eram do sexo feminino (84%) e apenas 8 do sexo masculino (16%). Ao cotejar esse processo nas demais turmas ingressantes, notou-se que a diferença foi se acentuando, na medida em que o percentil de matrículas de mulheres por ano/semestre no curso foi gradativamente se ampliando em relação a presença de homens (Resende, 2018).

Trata-se de uma questão cujas raízes são históricas, sendo, portanto, apropriado problematizar os mecanismos que contribuíram para o processo de feminilização do magistério (Cunha, 2012, Demartini; Antunes, 1993). A esse respeito, Januário (2016, p. 32) cita a relevância dos estudos de gênero, pois eles “têm sido capazes de questionar os papéis sociais destinados a homens e mulheres, permitindo a compreensão da construção e organização da diferença sexual”. A normatização baseada em estereótipos de gênero desconsidera o interesse pessoal dos/as estudantes, bem como, suas competências ou inclinações laborais. Determinou-se cultural e historicamente, valendo-se das representações de gênero, de que as mulheres estão mais ligadas às questões como zelo, cuidado, afeto, maternagem e, portanto, destinadas ‘naturalmente’ à docência (Lira; Bernardim, 2015).

Por intermédio de construções discursivas sobre o papel da/o docente na atuação com crianças pequenas, por exemplo, originaram-se enunciações a respeito da condição profissional e da predominância da atuação feminina. Não sem razão, em muitos contextos escolares a professora é denominada de ‘tia’, o que imprime um vínculo afetivo aparentemente sutil e meigo, mas implica em questões relativas à desvalorização da docência enquanto formação profissional (Resende, 2018). Para se constituir professor/a, vale ressaltar, é necessário expressivo investimento em estudo e aprendizagem robusta do

campo pedagógico, razão pela qual deve ser reconhecida enquanto profissão que necessita ser justamente remunerada. Soma-se a isso, a feminização do magistério segunda a qual decorreu de um processo social e histórico, não repousando em nenhuma ordem natural, mas correspondendo ao jogo de forças atinentes à divisão social/cultural do trabalho que atravessa o magistério e algumas outras profissões.

A esse respeito, Apple (1988) versa sobre a feminização de algumas profissões, notadamente, o magistério. Os dados estatísticos indicam que, na década de 1970, grande parte das trabalhadoras remuneradas no contexto europeu concentravam-se em ocupações e serviços nos quais compreendiam cuidados com alimentação e saúde, bem-estar, vestuário e serviços domésticos. Consequentemente, temos “a separação laboral por gêneros e o que veio a ser chamado de desqualificação e empobrecimento de certos empregos em decorrência de um conjunto de forças extremamente atuantes sobre o trabalho feminino” (Apple, 1988, p. 16).

De acordo com ele, há uma relação peremptória entre o grande acesso de mulheres a uma determinada ocupação e a sua progressiva desvalorização em termos de reconhecimento, importância social e remuneração. O estudo de Andrade (2008) disserta a respeito das interseções entre escolarização, trabalho e gênero, alegando que as diferenças de gênero são utilizadas para indicar qual profissão o homem ou a mulher deve ou não exercer, acentuando as fronteiras das desigualdades entre ambos. Como resultado, tem-se um processo de feminização de algumas profissões, com efeito, uma desqualificação social, cultural e financeira, engendrando “uma via de mão-dupla: ao mesmo tempo em que o mercado incluiu as mulheres na esfera produtiva, produziu-se a desqualificação desses espaços” (Andrade, 2008, p. 212).

Atinente ao contexto do magistério, Apple (1998) explana como a carreira docente foi progressivamente deixando de ser preenchida por homens e sendo ocupada por mulheres. Com a expansão da educação elementar e de massa, consequência da luta de diversos grupos por uma escola obrigatória e pública, houve um aumento no número de mulheres contratadas para exercer a docência, recebendo salários bem inferiores, se comparado aos que os homens ganhavam. Há, portanto, segundo o autor, “conexões históricas entre o magistério e as ideias acerca da domesticidade e da definição do lugar próprio da mulher” (Apple, 1988, p. 17). Soma-se ao quadro de adversidades para o reconhecimento social do magistério feminino o fato de a docência não ser vista na condição de profissão, mas enquanto uma “vocação” e (profundamente) vinculada à maternidade, sendo, igualmente consequência dos processos históricos e sociais supramencionados (Veríssimo, 2016)

De acordo com a autora, nesse momento o magistério passa a ser vislumbrado como ‘trabalho de mulher’, pois, inocula-se componentes como cuidar de crianças e servir, associando-se, assim, à menor qualificação e salários inferiores. Trata-se de uma espécie de migração na contratação do mercado educacional, demovendo-se dos homens às mulheres, porém, não poderia ser qualquer uma para assumir a docência. Questões como classe social, a origem da família, as qualidades pontuadas como naturalmente femininas – pureza, delicadeza, boa moral, vestir-se bem, ser jovem e solteira, não ter filhos – dentre outras injunções, eram exigências estabelecidas à contratação (Apple, 1988). Inscreve-se um conjunto de normatividades às quais todas professoras deveriam se enquadrar e, ainda, as obriga incorporar comportamentos socialmente aceitos para garantir admissibilidade enquanto docentes. Há, por efeito, o estabelecimento de uma identidade docente fixa e imutável, a qual suscita reflexos (temerários) ainda no contemporâneo.

Acompanhando essa sequência argumentativa, o estudo de Vianna (2013, p. 164) demonstra que a docência se tornou um dos primeiros campos de trabalho destinado às “mulheres brancas das chamadas classes médias, estudiosas e portadoras de uma feminilidade idealizada para essa classe, mas também protagonistas da luta pelo alargamento da participação feminina na esfera econômica”.

Houve, além disso, um deslocamento de função, na medida em que os homens foram deixando as salas de aula – principalmente no ensino primário – e ocupando postos como direção, supervisão e outros com remuneração mais elevada e reconhecimento social. (Apple, 1988). De igual modo, Demartini

e Antunes (1993) reforçam a tendência de feminilização do magistério enquanto processo histórico social, tendo em vista a ocupação de cargos de chefia e direção por homens. Em outros ditos, à proporção que (progressivamente) as mulheres foram adentrando os espaços educacionais no início do século XX, os homens foram adquirindo outras possibilidades de ascensão profissional, social e política.

De outra parte, a feminilização configurou-se em um importante passo à entrada da mulher no mundo do trabalho, inclusive expandindo horizontes às resistências. Muitas líderes de grupos feministas se tornaram professoras e atribuíam a essa experiência a percepção da imperativa necessidade de facejar a dominação masculina. Consoante à Veríssimo (2026), a profissionalização docente “aparece como a possibilidade de afirmação da identidade desses e dessas profissionais, de modo que nas últimas décadas não faltaram investidas nesse sentido” (p. 65).

Decerto, têm-se muitos discursos (e cooptações) em torno da (constituição) da docência e das identidades dessas/es profissionais, os quais interferem diretamente nos processos de escolha de jovens que almejam seguir a carreira docente. Ou mesmo, àquelas/es já inseridas/os nos cursos de formação de professores/as, notadamente na esfera da formação inicial, à semelhança de os sujeitos da pesquisa em voga. Trata-se de refletir acerca dos impactos que tais representações (e seus preconceitos) produzem a respeito da profissão docente, até porque “fabricam-se cotidianamente determinados jeitos unívocos de ser mulher e homem, especialmente quais lugares sociais podem ocupar, por meio de muitos artefatos culturais de comunicação e disseminação de informações” (Barbosa, 2017, p. 13). À vista disso, faz-se indispensável pensar o processo histórico-cultural da feminilização do magistério rechaçando determinismos ou respostas simplistas, a fim de compreender as diferentes interfaces dos jogos de poder para refutar discursos e argumentos ancorados no lugar comum (Fisher, 2001).

Em suma, o quadro argumentativo exposto nos permite conjecturar que historicamente a Pedagogia passou a ser um espaço de reserva feminina, mais especificamente a partir do início do século XX. Com efeito, tinha-se a compreensão de que a mulher seria educadora por natureza ou por vocação, consequentemente, isso acabou interferindo na presença de homens nesse curso de formação superior.

Além disso, Andrade (2008) pondera que quando a escolha dos homens incide sobre uma carreira “denominada ou construída como feminina, este homem, em grande parte das vezes, tem sua masculinidade questionada e sua sexualidade colocada em questão, bem como sua capacidade intelectual” (p. 213). Há, portanto, um conjunto de variáveis nas quais imprimem uma identidade de gênero fixa e o estabelecimento de fronteiras na ocupação dos “papeis” sociais cujas marcas se inscrevem no interior das desigualdades entre homens e mulheres (Rabelo, 2013).

Nesse contexto, iremos apresentar na seção subsequente alguns excertos das entrevistas desenvolvidas com o grupo de depoentes cujos teores revelam representações concernentes às fronteiras de gênero envolvendo a profissão docente, consequentemente incidem na escolha do curso, na permanência e ingresso no universo laboral.

Representações das/os discentes sobre a escolha do curso: “lá no meu trabalho todo mundo fala, você vai dar aula para criancinha?”

Ao cotejar os relatos produzidos por intermédio das entrevistas-narrativas constatamos, em linhas gerais, que a maioria dos/as entrevistados/as antes mesmo da entrada no curso de Pedagogia já havia manifestado desejos, anseios, expectativas e experiências relativas à escolha da profissão docente. Por um lado, sabe-se que a carreira professoral intercorre de vivências adquiridas ao longo da história de vida e dos processos formativos (continuum) (Pimenta, 2000; Marcelo, 2009a; 2009b; Nóvoa, 1999, 2000; Ferreira; Carneiro, 2023), incluindo os pregressos à docência (Frigotto, 1991; Arroyo, 2000). Por outro, averiguou-se a existência daquelas/es que adentraram o curso sem ao menos conhecer seu escopo ou itinerário formativo, tão somente vislumbravam o acesso ao ensino superior público. Almejando, posteriormente, a

mudança de curso no interior da própria instituição, a propósito, uma das variáveis recorrentes sobre as quais incide o fenômeno do absenteísmo e/ou da evasão em cursos de licenciatura. Ao analisar a evasão nos cursos de licenciatura, Ricardo Vitelli (2014, p. 7) assinala que “a realização de transferências internas indica uma indefinição sobre a escolha, alguns desses estudantes acabam passando de um curso para outro até optarem pela evasão da instituição”. Além disso, de acordo com autor, a opção pela evasão, em muitos casos, ocorre no primeiro contato do/a aluno/a com o curso, não sem razão, os maiores percentuais estão entre os/as discentes de semestres iniciais.

As/os entrevistadas/os eram bem diferentes em termos de temporalidade no curso, idade e gênero, pensando no caminho heurístico do estudo, de maneira que as idiosincrasias e percepções sobre a vida e a profissão docente fossem suscitadas, por sua vez, averiguadas. Outra questão relevante verificada se refere à opção do curso, haja vista que das sete discentes entrevistadas, seis delas alegaram ter feito a opção de forma “consciente”, escolhendo realmente a Pedagogia como primeira seleção. Apenas uma discente citou o ingresso em virtude da nota alcançada no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Já em relação aos sete entrevistados a incidência foi inversa, ou seja, apenas um fez referência ao ingresso por convicção ou na condição de primeira alternativa, alguns deles passaram pelo curso de Filosofia, sendo, inclusive, o motivo pelo qual elegeram a Pedagogia.

Em linhas gerais, a maior parte dos/as pesquisados/as assinalaram que a opção decorreu (sobremaneira) em virtude do acesso à Universidade, considerando as dificuldades instituídas pela nota e curso almejados. No entanto, relataram descobertas e afinidades nas quais engendraram processos de identificação com o curso de Pedagogia, chegando a despertar um propósito de continuidade, em que pese à alegação de ausência de tempo para estudar e participar de eventos, projeto pesquisa e extensão.

Ademais, muitos dos/as discentes expuseram que em tempo algum haviam observado um pedagogo ao longo dos processos educativos quais percorreram, tampouco constataram a presença masculina em algum momento da vida escolar, especificamente durante a Educação Infantil ou o Ensino Fundamental (esfera profissional de atuação do curso prospectado). Devido às barreiras e preconceitos de gênero cujos homens enfrentam para atuar em uma área de “reserva feminina”, há expressiva desvantagem de atuação e participação, quando comparados ao número de pedagogas em exercício (Resende, 2018). Apesar de existirem homens atuando (e reexistindo) na docência, conforme indicam os estudos de (Cardoso, 2007; Rabelo, 2013; Lira, Bernardim, 2015; Xavier, Almeida, 2016), ainda sim há uma compreensão (fortemente disseminada e naturalizada) de que a mulher é educadora por natureza ou vocação. Isso, consequentemente, impacta a presença de homens nos cursos de formação relativos ao magistério.

A partir do arcabouço teórico pertinente à temática em questão, é preciso ressaltar que, nos últimos tempos, assiste-se a uma grande proliferação de estudos que “interligam a profissão educacional às perspectivas de gênero, mas acabam por abordar a feminização do magistério de acordo com o ponto de vista das mulheres docentes” (Rabelo, 2013, p. 213). Em outra direção, esta pesquisa pretendeu dar visibilidade igualmente aos homens que se enveredam pela Pedagogia e desconstruir representações hegemônicas que circundam esse espaço/tempo formativo. Trata-se de irmos na contramão do que foi constatado por Rabelo (2013, p.123), ou seja, “quase não são encontradas referências ao tema; e mais, reafirmam-se os preconceitos e discursos que frequentam a sociedade contemporânea”.

Para efetuar as análises de maneira apurada, alicerçamo-nos no conceito de representação enquanto construção de significado que se dá em um meio permeado por relações de poder e a partir do qual colocamos em ação nossas práticas e discursos (Silva, 1996). Isso posto, as narrativas das/os discentes foram importantes para compreendermos as representações evidenciadas sobre a escolha do curso de Pedagogia por homens e mulheres. Com base nos estudos pós-estruturalistas a representação é, como qualquer “sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. Como tal, a representação é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder (Silva, 1996, p. 90). Desse modo, ao evidenciarmos as representações das/os discentes por meio de suas narrativas, constatamos que as barreiras e os preconceitos de gênero se incidem mais fortemente sobre os homens (Resende, 2018). No escopo das análises, buscamos desconstruir essas representações que

eles carregam consigo, levando em consideração que elas não são fixas, pois, apesar de funcionarem como convenções sociais, não são regras inquebráveis (Rabelo, 2013).

Assim, em relação ao curso escolhido, o entrevistado 1 (H) relatou que frequentemente era questionado se estava estudando para dar aula às 'criancinhas', pois "a maioria imagina que quem faz Pedagogia, antes de se especializar, só pode dar aula para criança". Nesse contexto, o teor do depoimento produzido revela certo demérito "cuidar" de crianças (como se fosse uma função inferior), algo que não caberia a um homem (Lira; Bernardim, 2015). Trata-se de uma representação cultural sobre a docência, no que tange à atuação professoral na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A depreciação do trabalho docente, especialmente o exercido com crianças pequenas, está estreitamente relacionada ao processo histórico de feminilização do magistério, "o qual, por sua vez, encontra-se imbricado com a não inserção de homens nesse espaço de reserva das mulheres: a Pedagogia" (Andrade, 2008, p. 213). Há, portanto, um conjunto de variáveis que imprimem uma identidade de gênero e o estabelecimento de fronteiras na ocupação dos "papeis" sociais, cujas marcas decorrem de um conjunto de acontecimentos históricos e se inscrevem no interior das desigualdades entre homens e mulheres (Rabelo, 2013; Louro, 2001).

Não bastasse às adversidades relativas às fronteiras de gênero, têm-se também a depreciação da carreira em razão da desvalorização do magistério, o que por sua vez, subestima a atratividade à profissão docente. Tal perspectiva se aproxima da narrativa produzida pela entrevistada 1 (M), ao descrever os acontecimentos pessoais que a conduziram à escolha do curso de Pedagogia. Sua primeira opção, logo após o Ensino Médio, foi pelo curso de licenciatura em Física, porém, houve resistência por parte de seu pai, pois, segundo ela "baixou uma braveza nele, do tipo 'professor não ganha dinheiro' (risos), aí eu troquei para Engenharia Florestal, fiz três anos, mas não me encontrei muito bem dentro do curso" (Entrevistada 1). Após a desistência do referido curso, dada as condições socioeconômicas da família ela resolveu trabalhar, para apenas mais tarde reingressar ao ambiente universitário já decidida em fazer Pedagogia e se tornar docente.

O estudo sobre as escolhas profissionais de estudantes que ingressam em cursos de formação de professores realizado por Gatti (2009), revelou o fato de os homens centrarem-se na possibilidade de ascensão na carreira, à medida que as mulheres são mais sensíveis à oportunidade de salário imediato, razão pela qual há maior presença feminina na docência. Ademais, a pesquisa demonstrou que as/os estudantes ingressantes na Pedagogia são frequentemente provenientes de classe socioeconômica baixa, corroborando com a busca de remuneração imediata à sobrevivência. Nessa direção, Diniz-Pereira (2011) acrescenta que as/os estudantes interessadas/os nos cursos de formação de professores são, em sua maioria, vulneráveis economicamente e com trajetória escolar precária por condições adversas, ou menos privilegiadas, por assim dizer.

Gerba (2014) adverte que a baixa remuneração salarial docente interfere diretamente na falta de interesse das pessoas se tornarem professoras/es, inclusive no contexto investigado por nós, pois para a entrevistada 3 "a Pedagogia é um curso muito invisibilizado dentro desta universidade e dentro de qualquer lugar, no país, devido à baixa remuneração dos professores, consequentemente temos a crise das licenciaturas" (Entrevistada 3). Considerando as desigualdades de gênero, Xavier e Almeida (2016) ponderam que a supracitada baixa remuneração salarial contribui para o afastamento de homens do exercício da docência dedicada à infância. Na perspectiva das autoras, isso ocorre porque o homem ainda é visto, socialmente, como o provedor da casa, conseqüência da família.

Na esteira do debate, os excertos das narrativas da entrevistada 2 (M) e do entrevistado 2 (H) apresentados logo a seguir evidenciam como os discursos sobre a docência atravessam as/os jovens dentro e fora do contexto universitário, afetando as escolhas pela carreira profissional. Examinemos suas explanações:

Na adolescência tive algumas dúvidas quanto ao curso que escolheria, mais por causa de opiniões alheias da família e tudo mais [...]. Foram preconceituosos, citaram à questão da remuneração, que vou ser professora de criança para sempre, de maneira pejorativa, como se a atividade [profissional] fosse uma coisa ruim. Havia, além disso, uma cobrança no meu caso, minha primeira prima - eu sou a segunda neta - se formou em Medicina, então, julgavam se tratar de uma discrepância muito grande, na medida em que comparavam o status da Pedagogia e o da Medicina (Entrevistada 2).

[...] ela [cita o caso de uma colega de curso] entrou na Pedagogia, saiu, fez um ano de Engenharia, não se deu bem e percebeu que o ela queria mesmo era a Pedagogia, porque tem muita pressão familiar, as pessoas não valorizam e não reconhecem o professor como uma profissão. Tem até aquele caso do Luciano Huck que ele fala “venha complementar sua renda, seja professor”, como se fosse um biquinho assim. É triste. A questão do valor que a sociedade confere para o profissional pesa muito, pois ser professor não é só dom, envolve um processo formativo, aliás, nada fácil! [entrevistado destaca a frase utilizando entonação diferente] Corresponde a uma formação a qual precisa estar ali inteiro e querendo (Entrevistado 2).

Depreende-se do primeiro relato um indubitável quadro da influência do contexto familiar em relação à escolha laboral da entrevistada, de tal maneira que quase chegou a fazê-la abdicar de sua opção formativa. Afora o argumento do inequívoco demérito da profissão docente, desvelando uma representação depreciada da docência, conforme já observado anteriormente. No caso do entrevistado 2, traz à tona uma situação vivenciada por uma colega de curso, que chegou a sair da Pedagogia para fazer Engenharia em virtude de pressões familiares e sociais, mas depois retornou.

Em linhas gerais, tratam-se de narrativas e veiculação de discursos que desvalorizam a profissão docente, inclusive pela mídia. De outro modo, isso nos permite igualmente constatar a existência de resistências das/os envolvidas/os, na medida em que prosseguem com suas aspirações e desejos profissionais, mesmo que, para tanto, seja imperativo adotar estratégias de fuga. Segundo Louro (1994, p. 42), “é impossível à imposição externa sobre sujeitos passivos, de atitudes, práticas, habilidades, comportamentos, conhecimentos, sem que estes mesmos sujeitos aceitem, rejeitem, contestem, adaptem, enfim”. Complementa a autora, alegando que os sujeitos são ativos e participam do processo social de múltiplas formas, portanto, “as acomodações e as resistências” (Louro, 1994, p. 43) podem ser percebidas. Por isso, dá-se destaque aos homens matriculados no curso de Pedagogia enquanto resistência, uma vez que esses sujeitos escapam, via de regra, das expectativas e normas.

Ainda no contexto das representações, trazemos à lume novamente o discurso da ‘vocação’, pois quando interrogada a respeito das aspirações da sua escolha pela Pedagogia, a entrevistada 2 (M) afirmou que seu “coração sempre foi de ser professora, parecendo corresponder a um dom de Deus”. Essa inferência nos permite detectar a existência de um processo histórico por intermédio do qual se teceu essa representação social, na qual a carreira docente decorria da vocação natural das mulheres. Kimura et al. (2012), ao analisarem historicamente a formação e profissionalização docente no Brasil, dilucidaram características vocacionais imputadas ao ofício docente, “deixando a cargo das mulheres que tivessem maior afinidade com a tarefa de ensinar a responsabilidade por fazê-la, por serem afetivas e já terem criado os filhos” (p. 21).

Scherer e Cruz (2016) advertem que junto à feminização do magistério foi sendo gestado um movimento de simplificação e de precarização do trabalho docente, implicando na desvalorização não apenas da profissão, mas também do próprio processo de formação de professoras/es. Em face do exposto, sinalizamos a importância de um processo formativo inicial que problematize essas questões, em razão de favorecer o/a discente se envolver mais profundamente com o curso. Isso contribui para desconstruirmos a representação da docência enquanto ‘dom’ ou aptidão inata, geralmente relacionada às mulheres, permitindo-nos interrogar a alegação da suposta “facilidade” do curso de Pedagogia.

Sobre tal assunto, o entrevistado 3 (H) nos conta que cursava Biologia, porém, estava com dificuldades nas disciplinas de ciências exatas, problemas esses que ele atribui ao seu processo de formação básica na escola pública. Diante disso, fez a opção, então, pela Pedagogia pelos motivos explicitados no depoimento

subsequente: “Eu comecei a sentir dificuldade, então, depois de um ano ou quase dois cursando Biologia, pensei que entre ser professor e ser professor, antes ir pelo mais fácil. Mas não necessariamente que eu ia gostar” (Entrevistado 3).

É preciso observar que o discente, estando imerso em outro curso universitário, tinha a representação de que o curso de Pedagogia é “mais fácil” se comparado com o de Biologia, reproduzindo um discurso histórico no qual a atuação no magistério não demandaria conhecimentos elaborados e científicos (Nascimento, 2003). Esse enunciado tem sua aproximação com características tipicamente femininas e traz consigo vinculações com “modelos religiosos e maternos, reforçando a ideia na qual o magistério deveria ser percebido enquanto sacerdócio e não como profissão, portanto, dependendo de menos investimento técnico” (Nascimento, 2003, p. 194). Assim sendo, é preciso considerar que esse é mais um dos reflexos do processo de feminilização do magistério cujas consequências são aparentes e reverberam sobre a formação docente, assim como, interferem no modo pelo qual os/as discentes produzem representações acerca do curso.

A visão de que a Pedagogia é um curso “mais fácil” aparece similarmente em outras narrativas encetadas por algumas das discentes, sendo decisiva na escolha pelo curso, especialmente no caso dos homens. Assim, ao nos relatar sobre sua percepção referente aos homens nesse processo formativo, a entrevistada 3 (M) revela:

Estou no 3º período, mas já tive aula com quase todas as turmas e quase não tem (se refere novamente a alunos homens). E quando tem, você vai conversar com eles, e eles querem fazer é outro curso, fazer concurso e não seguir a carreira, fazer outras coisas. Aí você pergunta por que, e eles dizem que acham que Pedagogia é mais fácil de fazer, só pra ter uma graduação (Entrevistada 3).

No entanto, cabe considerar que estas são “as saídas” encontradas por esses discentes ao se depararem, ainda no processo formativo, com o pífio reconhecimento da carreira profissional em diversos aspectos. Isso fica evidente no estudo de Rabelo (2013), ao verificar que muitos homens ingressantes no magistério apresentavam motivos de escolha da carreira semelhantes aos apontados pelas mulheres, dos quais ela destaca a “facilidade de ingresso e estudo no curso de formação, entrada rápida no mercado de trabalho, alto índice de empregabilidade, entre outros” (p. 209).

Com relação especificamente à presença de homens nos cursos de formação docente, a fronteira de gênero se acentua quando consideramos a atuação nos espaços educativos destinados às crianças, melhor dizendo, a defasagem da presença deles nessas instituições (Rabelo, 2013). Nesse caso, a autora considera que:

[...] a maioria dos homens desconhece a docência como possibilidade de trabalho, muitas vezes, ocasionada pela pouca divulgação do campo do magistério neste segmento como profissão acessível a ele. Esse silenciamento é potencializado no senso comum e pelas diversas formas midiáticas, tais como: revistas, jornais, programas televisivos, filmes, entre outros meios de comunicação em massa (Rabelo, 2013, p. 213).

Dessa forma, questões como - a desvalorização e depreciação da docência, a prerrogativa de uma suposta vocação das mulheres para o ensino, a falta de reconhecimento profissional e remuneratório - foram identificadas enquanto argumentos relativos à escolha do curso de Pedagogia por homens e mulheres do grupo pesquisado. Por isso mesmo, tem-se a visão na qual a Pedagogia consistir-se-ia em um curso “mais fácil”, de acordo com relato de algumas/alguns discentes, sendo, inclusive, o motivo da escolha do curso no caso dos homens, conforme explicitou a entrevistada 3 (M) em seu depoimento. Na continuidade teceremos algumas impressões finais sobre o estudo empreendido.

Considerações finais

Nossa prospecção cotejou as representações de alunos/as do curso de Pedagogia em uma universidade pública do Sul de Minas Gerais, no que diz respeito aos motivos pelos quais optaram por essa graduação, considerando às implicações das relações de gênero e o processo histórico de feminização do magistério. O cenário investigado acompanha a tendência (historicamente situada) inscrita na literatura especializada em formação docente, a qual indica haver pouca adesão de pessoas do gênero masculino em cursos de Pedagogia, a despeito de existirem idiosincrasias específicas reveladas no nosso processo investigativo. As mesmas encontram-se inscritas na realidade cultural/social dos/as acadêmicos/as e revelam estereótipos de gênero, étnicos, etários e linguísticos presentes nas histórias de vida e (co)relações (dísparas de poder) estabelecidas ao longo processo formativo, na medida em que veiculam e naturalizam discursos, representações e pavimentam preconceitos historicamente situados (Resende, 2018).

Em alguns casos, os/as próprios/as discentes entrevistados/as reproduzem, de algum modo, a noção hegemônica de masculinidade e as representações sobre as relações de gênero expressas pela sociedade. Embora tratar-se de um espaço formativo cujo objetivo é fomentar a pluralidade das identidades, haja vista constar nos documentos oficiais do curso – Matriz Curricular e Projeto de Criação do Curso – o indicativo de valorização e visibilidade às diversidades, ainda sim constatamos os limites da formação inicial e seus efeitos à compleição da docência (notadamente feminina).

Na esteira do processo, constatamos lampejos de resistências por parte de alguns/algumas acadêmicos/as, rechaçando a manutenção de uma identidade docente idealizada e socialmente consolidada no feminino. Reparemos na relevância de iniciativas com as quais possamos suscitar questionamentos e pôr em perspectiva os processos de formação inicial, os currículos, as práticas e as interações sociais, de modo a colocar em suspeição as representações hegemônicas sobre a docência. Assim, podemos vislumbrar determinadas desconstruções de crenças, representações deformadas e cristalizadas no imaginário fundante da sociedade geral e dos/as discentes em específico, por intermédio do conhecimento científico, filosófico e estético.

Malgrado aos delineamentos estabelecidos à pesquisa e os limites impetrados para esta comunicação científica, seus indicativos podem, de alguma maneira, lançar luz à questão relativa ao papel das fronteiras de gênero na escolha da profissão docente e na permanência de homens no curso de Pedagogia. Além do mais, enquanto modelo heurístico, considera-se que tal estudo possa representar um ponto de partida para o desenvolvimento de análises nas quais se considerem outros critérios, tais como o ingresso a permanência de homens no mundo do trabalho docente.

Espera-se, em última análise, cujo estudo possa fomentar aprimoramentos no itinerário formativo dos/as discentes envolvidos com o curso perscrutado, vislumbrando possibilidades de estendê-los para outras graduações dedicadas à formação docente naquela Universidade Sul-Mineira. Afinal, a depender da forma pela qual a sociedade apresenta e representa as profissões, elas passam a se tornar possíveis (ou não) aos diferentes gêneros e, quiçá atrativas, por assim dizer.

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de nenhuma natureza.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. O planejamento de pesquisas qualitativas. In: _____. **O planejamento de pesquisas qualitativas. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa.** São Paulo: Pioneira, 1998. p. 147-178.

ANDRADE, Sandra dos Santos. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. (Org.). **Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012. p. 173-194.

ANDRADE, Sandra dos Santos. **Juventudes e processo de escolarização: uma abordagem cultural**. 2008. 257p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/13502>. Acesso em: 10 set. 2022.

ANDRÉ, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? **Educação e Contemporaneidade**, Salvador: FAEBA, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.

APPLE, Michael. Ensino e trabalho feminino: uma análise comparativa da história e ideologia. Tradução de Tina Amado. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: FCC, n. 64, p. 14-23, fev. 1988.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BARBOSA, Lucas Alves Lima. **Identidades em (des)construção: problematizando representações femininas e masculinas em charges, cartuns e tirinhas**. 2017. 110p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2017.

BRANDÃO, Zaia. Entre questionários e entrevistas. In: NOGUEIRA, Marialice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nair (Org.). **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 171-183.

CARDOSO, Frederico Assis. Homens fora de lugar? A identidade de professores homens na docência com crianças. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30, 2007, Caxambu. **Anais eletrônicos**. Caxambu: ANPEd, 2007. p. 1-18. Disponível em: [GT23-3550-Int \(anped.org.br\)](http://GT23-3550-Int(anped.org.br)). Acesso em: 10 set. 2022.

CONNELL, Robert W. **Masculinities**. University of California Press, 1995.

CUNHA, Amélia Teresinha Brum da. Sobre a carreira docente, a feminização do magistério e à docência masculina na construção do gênero e da sexualidade infantil. In: REUNIÃO DA ANPED SUL, 9., 2012, Caxias do Sul. **Anais eletrônicos...** Caxias do Sul: ANPEd, 2012. p. 1-11. Disponível em: SOBRE A CARREIRA DOCENTE, A FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO E A DOCÊNCIA MASCULINA NA CONSTRUÇÃO DO GÊNERO E DA SEXUALIDADE INFANTIL | Semantic Scholar. Acesso em: 10 set. 2022.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; ANTUNES, Fátima Ferreira. Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: FCC, n. 86, p. 5- 14, ago. 1993. Disponível em: isidore.science/document/10670/1.ldkcnj. Acesso em: 10 set. 2022.

DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. A prática como componente curricular na formação de professores. **Educação**, [S. l.], v. 36, n. 2, p. 203–218, 2011. doi: 10.5902/198464443184. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducao/article/view/3184>. Acesso em: 17 mar. 2025.

FERREIRA, Maria Angélica Martins; CARNEIRO, Kleber Tüxen. A (im)pertinência da avaliação da aprendizagem no processo de escolarização docente: entre o não mais e o ainda não. **Devir Educação**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. e–708, 2023.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: FCC, n. 114, p. 197-223, nov. 2001.

FLORES, Maria Assunção. Algumas Reflexões em Torno da Formação Inicial de Professores. **Educação**, v. 33, n. 3, 19 dez. 2010.

FRIGOTTO, G. Tecnologia, relações sociais e educação. **Revista Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro. Abril. nº 222. p. 89, maio 1991.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

GARCIA, Maria Manuela Alves; HYPOLITO, Álvaro Moreira; VIEIRA, Jarbas Santos. As identidades docentes como fabricação da docência. **Educação e Pesquisa**, São Paulo: USP, v. 31, n. 1, p. 45-56, jan./abr. 2005.

GATTI, Bernadete Angelina. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, nº 113, p. 1.355-1.379, out./dez. 2009.

GERBA, Raphael Thiago. **Análise da evasão de alunos nos cursos de licenciatura**: estudo de caso no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina. 2014. 149p. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração Universitária) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. **Masculinidades em (re)construção: gênero, corpo e publicidade**. Covilhã: LABCOM. IFP, 2016.

KIMURA, Patrícia Rodrigues de Oliveira et al. Caminhos da formação e profissionalização docente no Brasil: desafios e perspectivas na contemporaneidade. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 1, p. 9-23, jan./jun. 2012.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 19, p. 20-29, jan./abr. 2002.

LIRA, Aliandra Cristina Mesomo; BERNARDIM, Giovana de Paula. O profissional do gênero masculino na educação infantil: com a palavra, pais e professores. **Poiéses**, Tubarão: Unisul, v. 9, n. 15, p. 80-97, jan./jun. 2015.

LOURO, Guacira Lopes. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero. **Projeto História**, São Paulo, n. 11, p. 31-46, nov. 1994.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.7-34.

LORTIE, Dan. **School teacher: A sociological study**. Chicago: University of Chicago Press, 1975.

MARCELO, Carlos. A identidade docente: constantes e desafios. Formação Docente – **Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 1, n. 1, p. 109-131, 9 maio 2009a.

MARCELO, Carlos. Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro. **Revista de Ciências da Educação**, n. 8, jan/abr, p. 7-22, 2009b.

MARANGON, Davi; BUFREM, Leilah Santiago. A experiência escolar cotidiana e a construção do gênero na subjetividade infantil. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33., 2010, Caxambu. **Anais eletrônicos**. Caxambu: ANPEd, 2010. p. 1-16. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/28665>. Acesso em: 10 set. 2022.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. (Org.). **Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012.

MONTEIRO, Mariana Kubilius; ALTMANN, Helena. Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: FCC, v. 44, n. 153, p. 720-741, jul./set. 2014.

NASCIMENTO, Cecília Vieira do. Do mestre à professora: saberes e práticas docentes em seu processo de profissionalização – 1872/1906. In: CONGRESSO DE PESQUISA E ENSINO EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS, 2., 2003, Uberlândia. **Anais eletrônicos**. Uberlândia: UFU, 2003. p. 185-195. Disponível em: www2.faced.ufu.br/nephe/imagens/arq-ind-nome/eixo3/completo/do-mestre-a.pdf Acesso em: 10 set. 2022.

NÓVOA, António. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.25, n.1, p.11-20, 1999.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias de sua vida. In: NOVOA, A. (org.). **Vidas de professores**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2000, p. 11-30.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 122, p. 283-303, maio/ago. 2004

PIMENTA, Selma Garrido. Professor: formação, identidade e trabalho docente. In: _____ (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p.15-35.

RABELO, Amanda. Debates sobre gênero na docência: o professor do sexo masculino nas séries iniciais do Rio de Janeiro-Brasil e Aveiro-Portugal. **Educar em Revista**, Curitiba: UFPR, n. 48, p. 207-234, abr./jun. 2013.

RESENDE, Tatiane Patrícia. **Representações discentes sobre a inserção e permanência de homens no curso de Pedagogia da UFLA: entre desafios, resistências e rotas alternativas**. 2018. 129 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2018.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández, LUCIO, Maria del Pilar Baptista. **Metodologia de Pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SCHERER, Renata Porcher; CRUZ, Éderson da. Gênero, sexualidade e formação de professores: uma análise da produção científica da ANPEd entre 2004 e 2014. In: REUNIÃO DA ANPED SUL, **Anais eletrônicos**. Curitiba: ANPEd, 2016. p. 1-16. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/305700832_GENERO_SEXUALIDADE_E_FORMACAO_DE_PROFESSORES_UMA_ANALISE_DA_PRODUCAO_CIENTIFICA_DA_ANPEd_ENTRE_2004_E_2014. Acesso em: 10 set. 2022

SCOTT, Joan W. **Gender and the Politics of History**. Columbia University Press, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 4ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010, 156 p.

STAKE, Robert E. **The art of case study research**. London: SAGE Publications, 1995.

VERÍSSIMO, Cátia Aparecida. **Docência: conexões, resistências e algumas histórias**. 2016. 142p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2016.

VIANNA, Cláudia Pereira. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In: YANNOULAS, Silvia Cristina. (Org.). **Trabalhadoras: análise da feminilização das profissões e ocupações**. Brasília: Abaré, 2013. p. 159-180.

VITELLI, Ricardo Ferreira. Evasão em cursos de licenciatura: perfil do evadido e fatores intervenientes no fenômeno. In: REUNIÃO DA ANPED SUL, 10., 2014, Florianópolis. **Anais eletrônicos**. Florianópolis: ANPEd, 2014. p. 1-15. Disponível em: <https://www.bing.com/ck/a?!&p=05b785b03f96c1bdJmItdHM9MTY2Mjc2ODAwMCZpZ3VpZD0zZDkzYzQyMi00ZWQ5LTZyOTEtMzJmNS1kNTcyNGY1MDYyYTMmaW5zaWQ9NTE1Nw&ptn=3&hsh=3&clid=3d93c422-4ed9-6391-32f5-d5724f5062a3&u=a1aHR0cHM6Ly93d3cuYWNhZGVtaWEuZWRR1LzYzOTIxODI2L0V2YXMIQzMIQTNvX0VtX0N1cnNvc19EZV9MaWNlbnNpYXR1cmE&ntb=1>. Acesso em: 10 de setembro de 2022.

XAVIER, Nubea Rodrigues; ALMEIDA, Bianca Camacho de. Homens na educação infantil: reflexões acerca da docência masculina. Horizontes: **Revista de Educação**, Dourados, v. 4, n. 7, p. 1, 2016.